de que Celina se trata?

um breve estudo sobre o desencadeamento de um surto paranóico

Maritza Garcia

Celina estava certa de que alguns moradores de seu prédio desejavam matá-la. Havia uma ação movida em seu condomínio contra cobranças excessivas e apenas parte dos condôminos aderira ao processo, incluindo ela e sua mãe. O motivo da perseguição que a invadia era remetido a um sentimento de ódio: "Talvez tenha sido por vingança. Talvez tudo tenha sido armado pela minha mãe. Ela me odeia. Ela conseguiu me internar", dizia Celina.

Um "complô", do qual faziam parte os camelôs da rua e seus vizinhos, surgiu logo no início da briga de condomínio. Os condôminos precisavam propor um acordo e Celina tentou intervir, por ser advogada. Porém, um outro advogado que já cuidava da causa adiantou-se e propôs uma forma de acordo que Celina considerou "jogo sujo": todos pagariam, durante tempo indefinido, uma pequena parcela mensal que nunca aumentaria de valor. Tempos depois, a parcela mensal acordada passou a vir cada vez mais cara. Celina, então, entrou em contato com o advogado, tentou resolver de alguma forma a situação, mas de repente viu-se lutando sozinha: "Descobri que ninguém me dava crédito."

Saiu de sua primeira internação ainda bastante "desconfiada" do "complô", porém concluiu que "tudo não passava de imaginação, de um momento de stress muito grande". Poderíamos considerar essa briga de condomínio como o desencadeamento de uma psicose, mas quando pergunto a Celina quando percebeu que tudo começou, surge a lembrança do que ocorreu sete anos antes, quando morreram seu pai e a avó paterna, a quem considerava "uma mãe". Nesse mesmo ano, separou-se repentinamente do marido, com quem viveu durante oito anos, e, ainda, realizou uma cirurgia para retirada de um mioma no útero.

Surge, logo de início, uma questão extremamente insistente, presente em inúmeras sessões: "Vou morrer?". Se diante do espelho via uma espinha no rosto, crescia uma idéia de que a espinha se transformaria em um tumor maligno que se desenvolveria para um câncer generalizado e que, por fim,

a levaria à morte. O mesmo ocorria ao defrontar-se com uma mancha na pele ou ao sentir uma leve dor de cabeça.

Celina era muito ligada ao pai e vice-versa. Sentia que o pai a preferia ao irmão e que lhe dava todo o apoio e carinho, ao contrário da mãe. Após a morte dele e com o fim de seu casamento, um casamento dito "feliz na maior parte do tempo", voltou a morar com a mãe. Vale ressaltar que o casamento terminou quando o pai de Celina fora internado em estado grave. Ela percebeu que seu marido não estava disposto a ajudar a família e, desse fato, concluiu que ele gostaria que seu pai morresse, pois estaria interessado na herança que receberia.

Sua mãe teria engravidado apenas para realizar o desejo do marido, e não pelo desejo de ter filhos. Algumas frases dela surgem fazendo eco no discurso de Celina: "Você é feia, tem pé grande"; "Você é que nem prostituta"; "Deve ser alcoólatra"; "Você é louca, vou te internar um dia". Aos oito anos, ouviu a primeira dessas frases que culminam na série feia-prostituta-alcoólatra-louca e que enlaçam a ameaça materna de internação. Vemos que o mesmo recurso emergencial hospitalar utilizado para efetuar alguma barra de gozo no sofrimento do sujeito psicótico — a internação — se une à série de palavras às quais Celina busca conferir sentido. Esse caminho do paranóico em direção a um sentido conduz à interpretação incluída na lógica delirante, portanto, o mesmo instrumento que secciona também parece ser o que aponta para a cura, por indicar a trilha do posicionamento de Celina como sujeito no mundo externo, no laço social. Disso, podemos inferir que a construção do delírio, nesse caso, passa pela transferência com o hospital e, em seguida, mas não-excludentemente, com o analista.

O que ocorre, então, é que Celina vê-se obrigada a responder a essas designações. E diz que não se considera feia, sabe que não é prostituta, nem alcoólatra. Mas confessa o susto que lhe causou o fato de sua mãe ter cumprido a antiga ameaça de internação: "Será que sou louca?". A insistente pergunta anterior: "Vou morrer?" — por onde passeia a hipocondria e a iminência de um corpo despedaçado — é substituíida por esta outra, também insistente: "Sou louca?" Essa segunda pergunta que Celina se faz é construída em análise, apesar de reconhecermos a presença de uma constante tentativa de resposta, antes mesmo da formulação da questão.

Celina pediu para ver um psiquiatra e disse: "Tenho um problema de retenção de líquidos. Uma vez, um médico me disse que isso afetava a cabeça. Preciso saber se é isso."

A residente que a atendeu no hospital, o supervisor da equipe clínica e eu assumimos o risco de não medicá-la nesse momento. Entendemos que medicá-la poderia ser prejudicial à transferência que Celina havia estabelecido comigo e com o hospital, já que nos dizia que se precisasse de um remédio, estaria mesmo "louca". Nossa aposta baseou-se no visível esforço de Celina em direção à construção de uma resposta para o que vinha tecendo na lógica de seu discurso.

Falando do que a assustava, o ódio e a indiferença materna, Celina pinçou outra frase que teria sido dita por sua mãe: "Te ignoro". A frase faz retornar o momento em que fora internada, quando descobre que ninguém lhe conferia "crédito", ao mesmo tempo em que remete ao desencadeamento — a morte do pai e a da avó, considerados os únicos que não ignoravam sua existência. Podemos entender que funcionavam como as tais bengalas imaginárias sobre as quais nos fala Lacan em seu seminário sobre as psicoses.

Quanto a esse descrédito que sentia, seu temor era de que não se creditasse "razão às palavras de uma louca" e, por esse motivo, Celina permanecia atenta à insistência da questão do condomínio que não se resolvia definitivamente e a uma possível reinternação que fazia parte das ameaças da mãe: "Desta vez vai ser de camburão, hein?"

A partir de então, sinalizo alguns momentos sucessivos, particularmente difíceis na condução da análise de Celina. Uma antiga amiga da família expôs um desejo de tornar-se sua madrinha, o que a fez sentir que "alguém escolheu ser como uma mãe" para ela. Algumas sessões depois as palavras de Celina ainda traziam o efeito revigorante dessa novidade, chega angustiada por conta de um "fato". O "fato" é que, chegando em casa, viu um montinho de pó no chão. Disso, concluiu que sua mãe deixara propositadamente o pó no chão, para que ela tivesse o trabalho de limpar. Dirigiu-se ao quarto da mãe e a agrediu verbalmente. Então, ligou para a futura "madrinha" e contou-lhe a história, mas, para surpresa de Celina, a "madrinha" disse que esteve em sua casa mais cedo, esbarrou em um incenseiro e não limpou o pó, pedindo desculpas pelo transtorno que causou. Celina, perplexa, me diz: "Desta vez, não foi minha mãe. Tenho que pedir desculpas a ela, mas não consigo. Admito que fui injusta. Mas de todas as outras vezes foi ela, menos agora. Nunca vou poder perdoar minha mãe, isto é impossível. Bem que eu gostaria…". Pontuei: "OK, não dá para perdoar, mas desta vez não foi ela, como você disse.".

Na sessão seguinte, Celina já chega se explicando: "Não pedi desculpas coisa nenhuma. Agora, minha mãe está rasgando os tapetes do meu quarto e cortando os meus sapatos. Não sei mais o que fazer."

Ao mesmo tempo em que se configurou essa situação, Celina recebeu a notícia de que se não pagasse uma taxa, seu apartamento iria a leilão e concluiu que a "máfia do condomínio" estaria agindo com força novamente.

Em seguida, uma séria discussão com a mãe levou Celina a dizer que a mataria. Sua mãe desesperou-se, trancou-se no quarto, pediu socorro pela janela, até que resolveu hospedar-se temporariamente na casa de uma amiga. A "madrinha" fora avisada por Celina do que estava acontecendo, mas só foi socorrê-las no dia seguinte, o que foi suficiente para que Celina confirmasse a suspeita de que ela estava ao lado de sua mãe. Celina dizia-se triste porque a viam como uma "assassina", mas afirmava que não teria coragem de matar a mãe, apesar da raiva que sentia.

No fim dessa semana, Celina me ligou contando ter recebido a visita de um oficial de justiça e assegurou que tratava-se de uma "grande armação", pois sua mãe continuava a fazer "atrocidades". Pediu-me que conversasse com sua mãe. Disse a ela que não faria isso e marquei uma sessão para o primeiro horário de segunda-feira. Celina pediu, então, que a residente conversasse com sua mãe. Atendendo ao pedido, a residente sugeriu que as duas fizessem terapia de família no hospital.

A partir desse momento, Celina passou a relatar nas sessões o que se passava na terapia familiar. Dizia-se contente pela "oportunidade interessante", mas não acreditava que pudesse ter algum resultado. Em suas palavras: "Quando minha mãe perceber que é pro meu bem, vai pular fora."

Após algumas semanas, a mãe voltou para casa e Celina passou a dizer maravilhas sobre essa terapia familiar. Contou que o relacionamento das duas havia melhorado muito.

Porém, começou a faltar à análise. Quando consegui encontrá-la em casa, Celina anunciou seu nervosismo diante da "máfia do condomínio", que teria a intenção de roubar seu imóvel, e explicou que faltara para resolver isso com o advogado, contudo os fatos não se esclareciam. Sobressaltada, falou sobre um medo de "enlouquecer".

Somente um mês depois, apesar de meus insistentes telefonemas, compareceu e contou que um oficial de justiça havia exigido o leilão de seu apartamento. "A máfia está com dimensões imprevisíveis", disse ela. Concluiu que o advogado

que tratava da causa era da "quadrilha" e ordenou que os porteiros do prédio assinassem um papel dizendo que receberam o oficial de justiça: "Tenho tudo documentado". Sem conseguir dormir, esperou amanhecer e, da janela, pediu socorro aos vizinhos, exatamente como sua mãe agiu ao receber, de Celina, uma ameaça de morte. Alguém chamou a polícia, que a levou "de camburão" para um outro hospital psiquiátrico.

Depois de uma hora e meia de sessão, disse a ela que conversasse com a residente, pois talvez fosse o caso de tomar algo que a acalmasse um pouco. Combinamos que ela podia esperar-me para ser atendida mais uma vez naquele dia, mas que, de qualquer forma, queria vê-la no dia seguinte, para que ela me dissesse como andavam as coisas. Celina disse, então, que estava assustada e não conseguiria falar comigo. Negou-se a explicar algo sobre esse susto referido a mim, foi-se embora e faltou no dia seguinte.

Entrei em contato e Celina disse que não precisava mais de tratamento. Havia concluído não só que eu fazia parte da "máfia", mas que eu seria a "cabeça da quadrilha", uma "psicóloga de merda". Estava certa de que estávamos preparando sua internação no hospital e considerava possível que sua mãe aparecesse morta e em seguida a acusassem. Assegurei-lhe de que só sabia do que ela me falava e de que estaria disposta a atendê-la, assim como falei da necessidade de que ela promovesse alguma continuidade a esse importante tratamento, mesmo que fosse com outra pessoa, fora do hospital. Uma possível passagem ao ato contra a mãe, contra ela mesma ou contra mim era preocupante nesse momento.

Celina tratava-se comigo há dois anos, considerando a análise como o que lhe possibilitava "entender como lidar com mamãe", ou, em outras palavras, entender como lidar com o gozo que lhe invade, esse gozo que incide sobre um sujeito sem "crédito". Mas como manejar para que algo dessa transferência ficasse preservado? O que terá havido no manejo transferencial?

Algumas questões importantes foram levantadas por mim. A primeira passa pela articulação da entrada da mãe no tratamento de Celina. Essa questão tem como base dois momentos:

1) a busca de construção de alguma resposta às designações da mãe: a série feia-alcoólatra-prostituta-louca-assassina que se coloca no decorrer da análise, a partir da certeza de Celina de que a mãe a odeia. Sobre esse período, sinto-me à vontade para dizer que, falando dessas designações e lhes

conferindo algum sentido, mesmo que baseado em um ponto de certeza irredutível, Celina escapava de ser retaliada imaginariamente pela consistência da mãe.

2) o momento em que Celina, começando a viver um surto desencadeado pela antiga briga de condomínio — exatamente como da única vez em que foi internada no hospital — me pede, ao telefone, que interfira conversando com sua mãe, ao que nego. Essa negativa fez com que Celina transferisse o pedido à residente, que, após ter escutado a mãe, "passou a bola", indicando uma terapia familiar que passou a ser freqüentada por ela, sua mãe e um primo próximo. Celina relata momentos difíceis sobre o que diz a mãe na terapia familiar. É esse o momento em que ela se vê frente à mais recente designação da mãe, acrescentada na série, já citada, que vinha sendo construída por ela: "assassina". Nesse segundo tempo discutido por nós, temos a entrada, efetiva e constante, da mãe no hospital, espaço que até então era apenas de Celina, e fez-se necessário pensar nos efeitos disso, enquanto um acréscimo a um certo esvaziamento transferencial que se inicia com a demanda não- atendida de que eu conversasse com sua mãe sobre as "atrocidades" que a paciente vivencia.

O que significaria conversar com essa mãe? Pensando de acordo com o significante utilizado por Celina para explicar a sensação anterior à sua internação, quando disse: "Ninguém me dava crédito" e lembrando que tratava-se do momento de início de um surto, como ficou claro posteriormente, negar esse pedido de Celina pode ter significado não lhe conferir "crédito". Essa foi uma de minhas hipóteses, que girou em torno de pensar como foi que caiu por terra a possibilidade de trabalhar em análise com a mãe imaginária, a partir desse momento em que, de alguma forma, desautorizei-me de ouvir a mãe e o assunto virou como que um julgamento policial de uma terapia de família.

Parece que, nesse ponto, complicou-se a transferência, pois Celina faltou às sessões, ao invés de contar com o "crédito" que a análise poderia lhe oferecer. O significante "psicóloga de merda" parece mesmo revelar projetivamente o descrédito do qual Celina queixa-se já no início do trabalho de análise comigo. Quanto à "cabeça da quadrilha", poderíamos concluir que quando ela sentiu o tal descrédito de que falamos, ocorreu a virada transferencial e passei a posicionar-me ao lado de quem não a socorre, ou seja, ao lado da mãe, sua perseguidora-mor.

Soma-se a isso o fato de que a mãe, por conseqüência de algo que foi mobilizado na terapia de família, mudou seu

comportamento, passou a ser mais generosa (servindo-lhe sopa, segundo seu relato). Na linha imaginária entre Celina e sua mãe, desliza a mãe-perseguidora e penso que isso deve ter contribuído para que logo alguém fosse empurrado para esse lugar, até no sentido de que Celina se protegesse de uma desestruturação imaginária, já que estamos considerando que trata-se de uma paranóia, com todo o seu conteúdo de fixação e defesa narcísica.

A mãe de Celina, em suas palavras, foi "finalmente perdoada" e por esse motivo ela afirmava não precisar de mais nenhum tratamento, inviabilizando, portanto, sua análise. Essa questão com a mãe desloca-se e acaba por explodir em outro lugar, na transferência que havia sido estabelecida com o analista. Tornou-se, então, possível, a partir dessa hipótese, apreender a dimensão de ter negado receber a mãe de Celina, quer dizer, metaforicamente falando, receber a bomba e fazer algo com ela, nem que fosse simplesmente para deslocá-la ou, quem sabe, desativá-la temporariamente, em busca de esvaziar a intensidade do fogo no pavio, como um recurso emergencial da análise de Celina.

Vislumbro, para além dos pontos que levantei, a relevância da questão sobre como a psicanálise pode se articular aos recursos da instituição quando se trata de um caso como esse, assim como me ocorre discutir a questão da descrença psicótica na recriminação primária — uma questão que define essa estrutura clínica — de que Freud nos fala, já que sublinho, das palavras de Celina, o "crédito" ou o "des-crédito", significantes que traduzem, para nós, a necessidade de se reconhecer e de ser reconhecida como sujeito por entre os meandros da perseguição que vivencia.

Quanto ao primeiro ponto, sobre a articulação da psicanálise com os recursos institucionais, esse caso nos ensina como pode ser fatal para o manejo da transferência analítica experimentar outros modos de tratamento — vide a indicação da terapia familiar ter sido desastrosa — simplesmente porque estão disponíveis. Celina interrompe o que lhe possibilitava "entender melhor como lidar com mamãe" para esbarrar frontalmente em uma luta com os significantes dessa mãe, o que vem lhe forçar a destituir a verdade dos seus próprios.

Sem poder recorrer à mediação simbólica, a não ser às custas de alguma construção delirante que se revela ainda incompleta e frágil, Celina se vê em apuros. A saída que encontra é proteger-se contra seus impulsos "assassinos", projetados no hospital e em sua equipe. Há uma fragmentação

da transferência, que vai do analista a todo o corpo técnico. Desenvolvendo essa linha de pensamento, somos levados ao segundo ponto e ao levantamento de uma outra hipótese como complicadora do tratamento de Celina. Trata-se do efeito da descrença na recriminação primária.

Vamos a Freud. Em 1896, em correspondência com Fliess, Freud sustenta o que ocorre ao psicótico em seu primeiro encontro com o sexo[1]. Segundo Freud, há uma descrença — determinante, no caso da paranóia — na recriminação primária.[2] O termo utilizado nesse ensaio é *Versagen des Glaubens* — fracasso das crenças. Freud busca demonstrar a etiologia das "neuroses de defesa" (constituídas nesste momento como histeria, obssessão, paranóia e amência alucinatória aguda) justamente partindo do caráter desse primeiro encontro com o sexo, chamado por ele de "experiência primária", e do destino do significante desse encontro.

Por meio do *Rascunho K* de Freud, Lacan aproveita a noção de *Unglauben* e a traduz por "ausência de um dos termos da crença, do termo que designa a divisão do sujeito."[3] Lacan propõe o termo descrença, no seminário sobre a ética da psicanálise (1959-60), e aproxima essa descrença à foraclusão. A descrença se verifica, então, na incidência da estrutura. A ausência da divisão do sujeito, na psicose, nos conduz à rejeição da afirmação primeira, assim como corresponde, nos termos do *Rascunho K*, à ausência da crença na recriminação primária. Em vez de crer no Outro, o psicótico carrega consigo a certeza, como no exemplo trazido por Schreber, de que Deus o deseja como sua mulher.

A crença ou a descrença na recriminação primária que acompanha o primeiro encontro com o sexo parece mesmo ser importante na escolha entre neurose ou psicose. A recriminação primária é o significante que marca a Coisa pulsional como gozo perdido e impossível, como indica Lacan no citado *Seminário 7*, A ética da psicanálise. A crença permite seu recalcamento e sua operacionalidade no simbólico, daí a possibilidade de metaforização na formação do sintoma. A recriminação primária, então, na medida em que marca o gozo como proibido, é o que desempenha a função de Nome-do-Pai[4], significante que encontra-se foracluído na estrutura psicótica.

É o sujeito psicótico que está mergulhado no gozo que incide no real de seu corpo ou do significante e que, sem a mediação fálica, encontra muitas dificuldades no estabelecimento de algum laço social.

[1] Trata-se da experiência sexual de caráter traumático de que Freud fala em 1894, em seu trabalho sobre as neuropsicoses de defesa.

[2] Na Edição Standard Brasileira, leia-se "autocensura primária".

[3] Lacan. *O seminário* – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, p.225.

[4] Sobre essa questão, remeto o leitor a Quinet. *Teoria e clínica da psicose*, p.74.

Estamos falando de escolhas, mesmo que profundamente inconscientes. Portanto, não podemos deixar de lado a escolha de Celina e suas conseqüências. Relembro o leitor de que o significante que se iluminava na relação da paciente com sua mãe no momento do surto era: "assassina". O sujeito psicótico traz consigo o anúncio da iminência de uma morte subjetiva, como se estivesse sempre às vésperas de uma abolição de si, já que o Outro está abolido de seu psiquismo e só lhe resta o real da presença de seu gozo.

Podemos dizer que o significante "assassina" reatualiza a abolição da crença na recriminação primária, na medida em que nos demonstra clinicamente a eliminação do Outro da vida anímica de Celina. "Se minha mãe já conseguiu provar que sou louca a ponto de precisar me internar, também poderei algum dia ser presa como uma assassina", dizia ela.

Matar a mãe ou entregar-se a ela, matando de vez sua subjetividade? Talvez seja essa a pergunta que se coloca diante de Celina. A maneira como ela responde a isso é bastante singular.

Celina se exime da passagem ao ato, no ato em que interrompe sua análise, para não ter que se haver com essa pergunta que se impunha no real de seu sofrimento psíquico. Ela opta não por matar a mãe, mas, ao contrário, por "perdoá-la", assim entregando-se parcialmente a essa mãe e canalizando para si algo desse gozo, quando se regozija de receber uma "sopinha" como uma importante prova de amor. Opta também por conferir um ponto de basta à análise, que parecia ter chegado a um momento crítico. Celina protegeu a mãe, protegeu a si mesma e também protegeu o que pôde de sua análise e do analista.

Essa é uma hipótese que, sem excluir as levantadas por nós anteriormente, traduz o comprometimento de uma paciente paranóica com o real do ato, por meio de um jogo de significantes do qual faz uso a seu favor, contra o ato "assassino". Especialmente nesse caso e nesse momento, "assassinar" a análise não seria sinônimo de proteção contra a versão mortífera de tal significante? Afinal, houve um corte, houve um ato, mas ninguém morreu, nem mesmo o delírio de perseguição. Nem mesmo o desejo de Celina de "entender melhor como lidar com mamãe". Quero dizer, ainda se pode ler na placa: "Em construção".

referências bibliográficas

FREUD, S. *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho K.* As neuroses de defesa (Um conto de fadas natalino). Obras Completas, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *As neuropsicoses de defesa.* Obras Completas, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Obras Completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides).* Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *A dinâmica da transferência.* Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: .Imago, 1974.

FREUD, S. *Sobre o narcisismo*: uma introdução. Obras Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Artigos sobre metapsicologia.* O iInconsciente. Obras Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. *Neurose e psicose.* Obras Completas, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

LACAN, J. *O seminário.* Livro 3: as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. *O seminário.* Livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. *O seminário.* Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose.* 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

resumo

Trata-se de uma investigação teórico-clínica, de acordo com o referencial psicanalítico, sobre um caso de paranóia, suas dificuldades de manejo transferencial e os possíveis recursos de um determinado sujeito psicótico na relação com o Outro.

abstract

This article is based on a research according to the psychoanalytical theory and the clinic of psychosis during the treatment of a paranoiac patient, the difficulties in the transference processes and the resources found by that patient in her relationship with the Other.